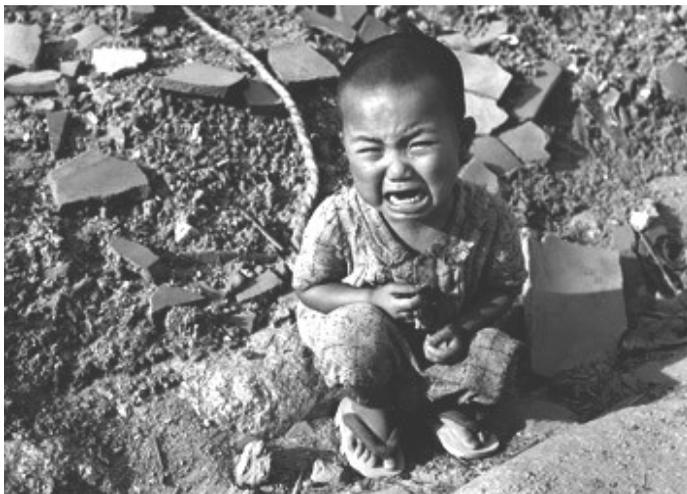


**na 32ª viagem apostólica do Papa Francisco
à Tailândia e Japão (nos dias 19-26 de novembro)**



HIROXIMA

é cantada sob a forma de aviso, de lição, de bandeira

a Rosa de Hiroxima

«Rosa de Hiroxima» é uma das muitas obras musicais, acompanhadas ou não por palavras, que contrariam a tese do «mal necessário» com que a propaganda dos EUA justificou (e justifica) os massacres de HIROXIMA e NAGASÁQUI. Em 6 de Agosto de 1945, os Estados Unidos da América escolheram a população civil como alvo principal. «Little Boy», a bomba que viria a vitimar cerca de 140 mil habitantes de Hiroxima, explodiu a 500 metros do solo, lançada pelo bombardeiro Enola Gay («carinhosamente» baptizado com o nome da mãe do piloto da macabra missão). Este mesmo Enola Gay é o protagonista da canção de *Orchestral Manoeuvres in the Dark*, editada em 1980, num esforço mais de denúncia da ameaça nuclear, num momento histórico – o da Guerra Fria – de afirmação das intenções bélicas dos EUA e seus aliados da NATO. Se precisássemos de um rótulo para classificar Enola Gay, diríamos tratar-se de uma canção de intervenção disfarçada de pop britânico, viajando entre a serenidade no cockpit do avião e o horror provocado nas ruas de Hiroshima: «*this kiss you give, it's never ever gonna fade away*» (o teu beijo nunca vai desvanecer-se) é, afinal, o beijo de fogo no rosto de HIROSHIMA, envolvido nas palavras «isto nunca deveria ter terminado assim».

No segundo a seguir ao da explosão atómica, em Hiroxima soube-se que os EUA tinham inventado um novo som para a banda sonora das guerras. Foi esse som inimaginável que Krzysztof PENDERECKI procurou fixar em «*Pranto Para as Vítimas de Hiroxima*» (1960). Diz, da sua obra, o compositor: «A peça vivia apenas na minha imaginação, de uma forma algo abstracta. Quando Jan Krenz a gravou e eu pude então ouvi-la enquanto performance real, fiquei surpreendido pela carga emocional do trabalho. Considerei que seria um desperdício condená-lo ao anonimato - decidi

dedicá-lo às vítimas de Hiroxima». São 52 cordas: violinos, violas, violoncelos e contrabaixos numa escrita surpreendente, na fronteira do ruído. Música irreal, rompendo os cânones da interpretação musical, do mesmo modo que Hiroxima dizimada rompeu a própria noção de flagelo. Nos cerca de nove minutos em que o Pranto se desenrola, os instrumentos sucedem-se em ondas sonoras iguais às «camadas» de sofrimento por que passou o povo de Hiroxima, do espanto à dor, do medo à morte, da existência ao pó.

Muitos mais cantaram Hiroxima, sempre ao contrário da historiografia dominante, mil vezes difundida e mil vezes repelida pelos mais diversos cantos - desde a partitura de John Adams e Peter Sellars («*Doctor Atomic*») à composição «*Peace on Earth*», de John Coltrane, passando pelo canto avisado de Pete Seeger e dos Byrds («*I Come and Stand on Every Door*»), sobre um poema de Nazim Hikmet), de Paul McCartney e Yoko Ono («*Hiroshima Sky Is Always Blue*»), dos Baron Rojo («*Hiroshima*»), de Robert Wyatt («*Foreign Accents*»), de Sílvio Rodriguez («*Cita Com Los Angeles*»), de Francisco Fanhais («*Cantata da Paz*», num poema de Sophia de Mello Breyner Andersen), entre muitos outros.

Uma e outra vez, desde 6 de Agosto de 1945, HIROXIMA é cantada sob a forma de aviso, de lição, de bandeira. De todas as coisas que «**nunca mais**», Hiroxima é das primeiras. E Georges Moustaki diz porquê: «**Por todos os sonhos calcados / pela esperança abandonada / em Hiroxima, ou mais além / talvez ela venha amanhã – a Paz!**».

MANUEL PIRES DA ROCHA. Nasceu em Coimbra em 1962. Iniciou os estudos de violino aos sete anos no Conservatório local. Aos 14 anos ingressa na *Brigada Victor Jara* onde toma contacto com música as recolhas do Michel Giacometti. Aos 18 inscreve-se no Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra (GEFAC), que vinha realizando trabalhos de recolha, estudo e divulgação da música regional portuguesa.

Hiroxima, Meu Amor



Alain Resnais tinha realizado um notável documentário sobre os campos de concentração nazis **“Noite e Nevoeiro”**. Encomendaram-lhe outro sobre Hiroxima, um documentário sobre e contra a bomba atômica. Fazia todo o sentido. O mundo vivia o pesadelo da ameaça nuclear, depois de os EUA terem desnecessariamente bombardeado Hiroxima e Nagasáqui, com Truman a declarar que *«a bomba atômica é mais uma arma no arsenal da justiça»* e de ter pontuado o discurso ao Congresso em que estabeleceu o que ficou conhecido como Doutrina Truman, com frases do tipo *«Deus guiou os Estados Unidos da América quando lançou a bomba atômica»* que ainda hoje devem fazer ficar roxos de inveja os califas do estado Islâmico, qualquer defensor da paz e cooperação mundial estava justificadamente alarmado apesar da União Soviética ter reposto o equilíbrio armamentista com o

primeiro teste da bomba atômica em 1949 e da bomba de hidrogénio em 1955. A corrida às armas nucleares estava aberta. Uma espada de Dâmocles estava presa por um fino fio sobre o universo.

Resnais decidiu não correr o risco de fazer uma variante de **“Noite e Nevoeiro”**, por mais excelente que fosse. Conhecendo bem os romances de Marguerite Duras encomendou-lhe o guião de que resultou **Hiroxima, Meu Amor** a primeira longa-metragem do realizador. A protagonista diz uma frase muito perturbadora naquela época *«Se podemos fazer filmes para vender sabão, por que não para vender a paz?»*, premonitória dos nossos tempos em que as estraté-

gias de marketing invadem e substituem os debates políticos, Trump e Macron aí estão para o demonstrarem.

«**Hiroxima, meu amor**» é uma história de paixão entre uma atriz francesa que vai a Hiroxima rodar um filme sobre a paz, e um arquitecto japonês que participou da reconstrução da cidade destruída pela bomba. Resnais mostra-a nos corpos das vítimas calcinadas pelas cinzas, deformados pelos efeitos das radiações. Violência sublinhada pelo obsessivo recitativo entre os dois amantes em que ela repete que viu tudo e ele insiste em que ela nada viu: «*Sim, eu vi tudo em Hiroxima*», «*Não, não viste nada em Hiroxima.*» A violência desumana da bomba é excessiva para ser visualizada.

É uma história de amor impossível, condenada pelas circunstâncias, o arquitecto é casado tem vida estabilizada, ela abandonará o Japão acabado o seu trabalho. Amores impossíveis em contextos políticos complexos, nada inesperados em Duras, refiram-se **O Amante, O Amor, Moderato Cantabile** que o faz sempre ainda que muitas vezes de forma subliminar.

História de amor progressivamente substituída por memórias e pela impossibilidade do esquecimento. As memórias recentes e visíveis do ataque nuclear despertam as memórias vividas pela atriz na II Guerra Mundial em França, em Nevers, sua terra natal. O romance proibido do seu primeiro amor, tinha dezoito anos, por um jovem oficial da Wehrmacht. No final da guerra, ele é morto pelos resistentes, a ela rapam a cabeça. Vive o opróbrio e a loucura do seu amor escondida pelos pais numa cave.

Memórias que se cruzam durante todo o filme numa relação poética entre a catástrofe colectiva e a tragédia pessoal que Resnais utiliza de forma extraordinária para representar e condenar a inominável dor provocada pelo absurdo

ignóbil e inqualificável que foram os bombardeamentos de Nagasáqui e Hiroxima.

Alain Resnais em **Hiroxima meu Amor**, realiza um filme superlativo em que filma o que é irrepresentável e indizível, contestando Adorno que tinha afirmado que depois de Auschwitz os poemas eram impossíveis. O texto obsessivo de Duras, as elipses narrativas a captar o que parece impossível, a montagem de associações e analogias, a utilização radicalmente inovadora do flashback, a sucessão entre tempos rápidos e lentos, fazem deste filme, que é um filme sobre a instabilidade de um mundo em decomposição, um filme sem precedentes e único na história do cinema.

MANUEL AUGUSTO
ARAÚJO (09/08/2018).

Arquitecto. Escreve regularmente sobre artes e arquitectura. Aprendeu a ler muito cedo, a partir daí não parou de ler, ouvir e ver..

Frei Bartolomeu dos Mártires



BARTOLOMEU FERNANDES DOS MÁRTIRES nasceu em Lisboa em maio de 1514. "Mártires" recorda a igreja de Santa Maria dos Mártires, onde foi batizado e substituiu o apelido Vale que usara em memória do avô.

Recebe o hábito dominicano a 11 de novembro de 1528, faz o noviciado no mosteiro de Lisboa e conclui os estudos filosóficos e teológicos em 1538.

Ensina nos conventos de Lisboa, "da Batalha" e Évora (1538-1557), passando a prior de Benfica, em Lisboa (1557-1558).

É apresentado pela rainha Catarina para suceder a D. Frei Baltasar Limpo, O. Carm., arcebispo de Braga, e o papa Paulo IV confirma-o, com a *Bula Gratiae divinae praemium*, datada de 27 de janeiro de 1559. É ordenado bispo a 3 de setembro, em S. Domingos de Lisboa.

Aceitou essa dignidade por obediência ao seu prior provincial, o célebre escritor frei Luis de Granada, o qual, tendo sido primeiramente designado pela rainha, a aconselhou a apresentar antes este seu confrade.

Inicia a sua atividade na vastíssima arquidiocese no dia 4 de outubro de 1559. A sua atividade apostólica é multifacetada.

Notabiliza-se pela realização de visitas pastorais; empenha-se na evangelização do povo, tendo para o efeito, preparado um catecismo ou doutrina cristã e práticas espirituais (com 15 edições).

A solicitude pela cultura e santificação do clero leva-o a instituir aulas de Teologia moral em vários locais da diocese e a escrever. Merece particular relevo o *Stimulus Pastorum*, distribuído aos padres dos Concílios Vaticano I e II, que já conhece a 22.^a edição.

A concretização do empenho de reforma encontra-se, também, em espaços estruturais a que deu vida.

Em 1560 confia aos jesuítas os Estudos Públicos, que se transformaram no Colégio de S. Paulo.

De 1561-1563 participa no Concílio de Trento, onde apresenta 268 petições como síntese das interpelações de reforma para a Igreja.

Para concretizar as reformas tridentinas efetua um sínodo diocesano, em 1564, e outro provincial, em 1566.

Em 1571 ou 1572 dá início à construção do seminário conciliar no Campo da Vinha.

Em 23 de fevereiro de 1582 renuncia ao arcebispado e recolhe-se ao convento dominicano da Santa Cruz, na cidade de Viana do Castelo, nascido por seu empenho (1561) para favorecer os estudos eclesiásticos e a pregação.

Morre nesse convento a 16 de julho de 1590, reconhecido e aclamado pelo povo como o "Arcebispo Santo", pai dos pobres e dos enfermos. O seu túmulo é venerado na antiga igreja dominicana em Viana do Castelo.

Foi declarado venerável por Gregório XVI em 23 de março de 1845. O papa João Paulo II reconheceu em 7 de julho de 2001 o milagre proposto para a beatificação, celebrada a 4 de novembro desse ano: dia litúrgico de S. Carlos Borromeu, com quem trabalhou arduamente na prossecução dos objetivos do Concílio de Trento. A Igreja evoca-o a 18 de julho. [Em 6 de Julho de 2019 o Papa Francisco promulgou o decreto da canonização].

o *Pai-nosso* por Frei Bartolomeu dos Mártires

Pai. Por natureza e graça, nos comunicastes o ser, os sentidos e os movimentos naturais, bem como a essência da graça, isto é, o seu movimento, que nos faz viver.

Nosso. Porque, com a concessão liberal da vossa bondade, gerais em cada dia muitos filhos segundo o ser espiritual da graça e do amor.

Que estais nos céus. Quer dizer, que habitais admiravelmente naqueles que são chamados a viver no Céu, isto é, que estão firmes no vosso amor, sempre movidos pela assiduidade dos desejos sublimes, como se estivessem ornados de estrelas, o mesmo é dizer, de virtudes.

Santificado seja o vosso nome. Realize-se em mim, sem nada de terreno, o vosso nome, com a purificação de todos os afetos mundanos.

Venha a nós o vosso reino. Reina inteiramente e sempre em mim, não só para que não haja nenhum movimento ou ato contra os vossos preceitos, mas para que todas as minhas ações sejam feitas com a aprovação da vossa providência. São Bernardo, no comentário septuagésimo terceiro ao Cântico dos Cânticos, expõe esta matéria do segundo advento, dizendo: «Oh se acabasse já este mundo e se manifestasse o vosso reino! Isto é o que ardentemente deseja a esposa, ou seja, a Igreja».

Seja feita a vossa vontade. Nos homens da terra como nos habitantes do Céu, isto é, nos firmes, nos que sempre estão em crescimento, ornados de estrelas, como acima dissemos.

O pão nosso de cada dia. Ó Pai, se não mandardes, lá do alto, o pão do fervor e da consolação espiritual, todos os dias e a todas as horas, depressa desfaleceremos e iremos procurar pão vilíssimo de consolações exteriores. Enviai-nos, Pai benigníssimo, as migalhas daquela mesa opulentíssima, pois se com elas (quer dizer, com os atos de amor unitivo) não for alimentado todos os dias, perderei por certo, o vigor da fortaleza.

Perdoai-nos as nossas dívidas. Perdoai o castigo devido até pelos mais leves pecados. Detesto-os, odeio-os, porque fazem obscurecer o raio da vossa luz e tornam tíbio o fervor do meu amor.

Não nos deixeis cair em tentação. Quanto mais Vos amo, benigníssimo Senhor, mais temo separar-me de Vós, considerando a fragilidade da minha carne e a astúcia das investidas do inimigo. Não permitais, que alguma vez eu ceda às suas carícias ou ciladas, mas livrai-me das muitas inclinações para o mal, bem como das penas do Purgatório, na medida em que podem adiar a vossa dulcíssima visão.



A *Rosa de Hiroxima*» escreveu-o VINÍCIUS DE MORAES, mas a denúncia foi amplificada pelos brasileiros SECOS & MOLHADOS, na voz de NEY MATOGROSSO.

a Rosa de Hiroxima

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroxima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A anti rosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada.

VINÍCIUS DE MORAES (1913-1980).

Diplomata, dramaturgo, jornalista, poeta
e compositor brasileiro.